

Arqueologia 3.0

André Carneiro

Agora que já estamos com os dois pés neste novo mundo chamado século XXI, nesta expressão marca-se a urgente necessidade de avançarmos para novas formas de fazer Arqueologia.

Até aos inícios do século XX predominaram as grandes descobertas, onde o achado de peças sensacionais ou de seculares cidades perdidas convocava a atenção mediática, criando uma aura de fascínio romântico em torno desta disciplina. Depois de se dar a volta à terra e conhecidos todos os cantos do planeta, os arqueólogos eram os últimos descobridores, desenterrando civilizações ocultas e dando a conhecer novos universos bem próximos, mas escondidos de todos nós. Em meados desse século, a aventura espacial iria substituir este fascínio da descoberta, projetando as novas fronteiras para os confins mais distantes.

Durante o século XX assistimos à afinação de uma disciplina científica, dotada de métodos e técnicas rigorosos que lhe deram um corpo de conhecimentos cada vez mais sólido e blindado, mas que também a afastaram do imaginário popular. A Arqueologia foi-se encerrando em si mesma, ora porque da descoberta única e fascinante passou-se para a rotina do trabalho técnico de escavação, ora porque os arqueólogos passaram a fazer parte do quotidiano das populações, mas raras vezes nas condições desejadas (por ambos, acrescente-se). Um exército de técnicos invadiu as grandes obras públicas e projetos privados, as escavações passaram a estar encerradas com tapumes, no interior dos quais verdadeiras 'formigas' removiam terra, limpando, desenhando e fotografando artefactos que seriam de novo sepultados, mas agora em armazéns, enquanto as estruturas, depois de salvas pela *arqueologia do registo e de salvaguarda* (assim mesmo, com letras minúsculas), poderiam ser arrasadas e removidas com total tranquilidade e sem incomodar ninguém (muitas vezes até, com suspiros de alívio por parte de empreiteiros, políticos e *arqueólogos-empresários*, essa híbrida figura nascida graças à especulação imobiliária). A Arqueologia tornou-se uma disciplina técnica e descritiva, aborrecida e escudada em múltiplos gráficos, tabelas e vocabulário criptico, uma *arqueografia* distante do público, que vê os agentes como *empata-obras*, personagens que criam mais estorvo à sociedade do que para ela contribuem. Os grandes debates ficaram progressivamente encerrados nas paredes estreitas das universidades,

tão distantes do olhar público como os contentores carregados de peças esquecidos em depósitos arqueológicos.

O século XXI, este estranho e contraditório mundo em que vivemos, onde os fantasmas do passado regressam para assombrar as esperanças do futuro, traz consigo um novo fôlego e um renovado conjunto de oportunidades. Por toda a Europa, o papel da Arqueologia tem sido questionado e alvo de um vivo debate que, como tantas vezes acontece, chegará a Portugal com alguns (...) anos de atraso. A Arqueologia debate-se com uma crónica sub-orçamentação – no nosso país, no século XXI ainda não houve um cêntimo atribuído pelo Estado para qualquer programa de financiamento a projetos de investigação de trabalhos arqueológicos, visto que as prospecções e escavações arqueológicas não são consideradas pela tecnocracia como “ciência”, e a Arqueologia continua (estranhamente?) ausente nas actividades contempladas nos projectos de valorização turística -, com uma má imagem perante a opinião pública, e com uma constante subalternização nos meios de comunicação social, onde raramente aparece (e quando o faz, nem sempre tal sucede pelos melhores motivos).

E, contudo, nunca a Arqueologia dispôs de tantas ferramentas de afirmação; e de modo paradoxal, o novo milénio trouxe uma sede de conhecimento pelas heranças patrimoniais do passado.

A Arqueologia tem hoje ao seu dispor um conjunto de mecanismos de formidável potencial científico e pedagógico: técnicas laboratoriais que permitem ver o insuspeito e dotar a investigação de um rigor analítico incomparável. Com os Sistemas de Informação Geográfica temos um formidável contributo para a análise de sítios e de territórios. As ferramentas 3D permitem potenciar as formas de registo de estruturas e peças, criando um universo de imagem extraordinariamente apelativo, tal como a virtualização possibilita linguagens com um fortíssimo potencial de atractividade. As possibilidades criadas pelos novos canais de comunicação digital multiplicam de forma inigualável a aproximação entre arqueólogos e o público em geral, que agora pode acompanhar em direto os trabalhos de investigação, partilhar as últimas descobertas ou manipular digitalmente peças e sítios arqueológicos, navegando por *layers* de informação associada e explorando a interactividade. E, pasme-se, as pessoas e os públicos estão interessados na Arqueologia. O turismo cultural é hoje a indústria da economia mundial que mais cresce por ano (8% em 2017): com um investimento mínimo (estudos recentes apontam para que, por cada € investido, existam 20€ de retorno) e repercussões negativas quase nulas, o património e as actividades associadas são o segundo maior factor de atratividade considerado quando um turista decide visitar outra região ou país. E como a Arqueologia pode funcionar em rede com outras áreas – o património material e imaterial, a gastronomia, o turismo criativo, de natureza e ambiente, a valorização de produtos DOP e DOC, além de um imenso etc., – é único e inigualável o modo como o património arqueológico contribui para a dinamização de

regiões demograficamente deprimidas, para a sustentação dos recursos endógenos, para a fixação de agentes locais altamente qualificados e para a revitalização de centros históricos, paisagens protegidas e ambientes naturais e patrimoniais.

Por toda a Europa o potencial do património arqueológico é aproveitado. Em toda a Europa nascem projetos de revalorização e revitalização de sítios e itinerários arqueológicos, conectando regiões e comunidades. Em toda a Europa a Arqueologia está a ser dotada de ferramentas de trabalho e divulgação que permitem potenciar a atratividade do património, comunicando-o às populações locais e criando mecanismos de potenciação para que turistas o possam fruir e conhecer. Em toda a Europa criam-se museus imersivos, revitalizam-se sítios arqueológicos com experimentação e interactividade para os mais variados públicos e comunica-se a Arqueologia para todos, mas em especial para as escolas, cultivando-se a “educação patrimonial”. Em Portugal nada disto acontece, limitando-nos a assistir à proliferação de feiras, mercados e festividades medievais.

Por isso, a Universidade de Évora propôs-se lançar o debate. Com uma acção sólida e sustentada de investigação na Arqueologia, em especial na região-Alentejo, dispõe também de uma unidade de referência na inovação científica aplicada ao património, através do Laboratório HERCULES. Mas como a Universidade, por si só, tem uma vocação ligada à investigação, que por vezes a afasta da realidade territorial do quotidiano, era necessário encontrar uma parceria que permitisse, com conhecimento de causa e uma fundada e sólida experiência na salvaguarda e divulgação do património, avançar para uma inovadora experiência que permitisse abrir novas fronteiras na Arqueologia portuguesa do século XXI.

Foi com naturalidade que se criou a parceria com a Fundação da Casa de Bragança, nomeadamente com o seu Museu-Biblioteca sediado em Vila Viçosa. São as instituições com mais História e Saber adquirido na salvaguarda e divulgação do Património as que mais habilitadas estão para antecipar o futuro.

A Casa de Bragança sempre acarinhou e protegeu a Arqueologia em Portugal. É escusado invocar a atenção que D. Teodósio I, V Duque de Bragança, dedicou às *antigualhas* arqueológicas, em especial através da recolha de lápides dedicadas a Endovélico provenientes de S. Miguel da Mota (Alandroal) e da compilação de *Os Livros de Muitas Coisas*, tendo em vista a criação de um centro de saber em Vila Viçosa. Não é necessário relembrar o pioneiro projeto de escavações arqueológicas em Tróia, concretizado graças ao modo como congregou agentes da sociedade civil da época. Muito menos reconhecer o inigualável trabalho protagonizado por Abel Viana na salvação das necrópoles “céltico-romanas” (nas palavras do próprio) do Alto Alentejo, que permitiu o resgate de inúmeros sítios em curso de destruição quando se vivia uma delicada fase de mecanização da agricultura em Portugal (com estranhos paralelos com o momento que se vive hoje, quer na

destruição da paisagem, quer no silêncio das instituições) e que, em outras áreas, conduziu a irremediáveis destruições de um imenso legado – sendo esse espólio hoje, a base da colecção patente no Museu de Arqueologia do Castelo de Vila Viçosa e que a Fundação tem sabido proteger e divulgar.

Por estes motivos, a Fundação da Casa de Bragança, dotada de um saber e experiência inigualáveis no modo como atentamente cuida do seu património arqueológico, é o interlocutor privilegiado neste novo desafio: trazer a *Arqueologia 3.0* para Portugal. Iniciar um ciclo de debates relacionados com a contemporaneidade da Arqueologia. Analisar as potencialidades das novas técnicas laboratoriais e de comunicação. Perceber como se pode salvaguardar o património arqueológico, mas também como o divulgar para públicos cada vez mais amplos e com interesses diferenciados. Mostrar como se podem criar mecanismos de atractividade nos sítios arqueológicos, envolvendo as comunidades locais e captando novos públicos. Debater o que tem sido feito de modo menos atento, identificando as novas áreas com evidente potencial e apresentar os *case studies* de referência internacional. Chamar os profissionais da área, em especial os técnicos de autarquias, que estão mais próximos das populações, e sensibilizar os alunos e as novas gerações para diferentes modos de trabalhar o património arqueológico, de modo a que as populações não fiquem excluídas do processo.

No centro de todas estas mudanças, algo se deve manter. Parafraçando o diretor de um meio de comunicação espanhol, “muda muita coisa, mas o trabalho de arqueólogo [jornalista, no original] mantém-se o mesmo: verificar e verificar a informação”. Rigor e capacidade de análise, mas cada vez mais voltado para o exterior, são fundamentais. Ou a Arqueologia deixa de ser Arqueologia.

A Arqueologia 3.0 já começou. Em boa hora.